

Eclipse

Aluno:

Josué Ismael Neumann

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Teresinha Barachini

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Jéssica Becker

Prof^a Dr^a Maristela Salvatori

Resumo:

Eclipse é uma reflexão a respeito da prática poética do desenho. Tendo como referência o formato de livro de artista, a literatura e a música, apresenta escritos em forma de diário, que estão relacionados com o processo do desenhar.

CIP - Catalogação na Publicação

Neumann, Josué Ismael
Eclipse / Josué Ismael Neumann. -- 2019.
116 f.
Orientadora: Teresinha Barachini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2019.

1. Trabalho Final de Graduação em Artes Visuais. I.
Barachini, Teresinha, orient. II. Título.



O dia de sol. A parede laranja. Tentarei tudo como um exercício do possível, voltando ao meu próprio domínio, decifrando-me através do processo de racionalização. O café vem, passado. Um pequeno animal esquentando seus pêlos no sol: logo deita à sombra (talvez esteja quente demais). Pouca energia retorna para a atmosfera e muita fica no corpo. Hoje sinto tudo como uma convulsão de sentidos, direções hacia arriba. Sob el

sol. Confrontos da alma.
Que palavras utilizar...

É como expulsar algo de ti, algo enraizado. Como adquirir nova linguagem a partir das que já conhece e possui um certo domínio. Vida é imensidão; já me falaram tantas coisas...

Recentemente falaram-me que eu entendia de imensidões. Como se eu fosse pessoa ligada às distâncias. Como se o corpo fosse largo (o corpo-casa).

Assim como uma pedra, um rubi, vermelho, vermelho... estendendo-se por tudo que existe. Eu gosto do intenso, do interior das pessoas – o interior geográfico das pessoas. Assim como gosto da chuva (especialmente as do verão, quando as gotas se detêm finas sobre os lagos, e duas pessoas caminhando circunscrevem um espelho d'água). Às vezes é bom correr da chuva, às vezes é bom ir com calma, apreciando os pequenos pingos, quase como se fossem casa feita,

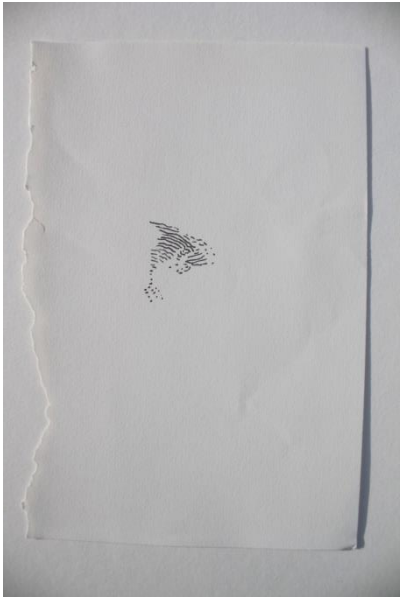
aquilo que está dentro
revelando-se no que está
fora.

Uma mensagem
inesperada de alguém
distante (passado); as
pessoas e suas inúmeras
camadas.

De onde vem o
impulso? O desejo, a fome,
a vontade de escrever,
qualquer coisa que se diga.

(19/01/19)





Eu acordei. Nada existe. O primeiro sentido (sentir) é o barulhar. Ruído de água. Incansável e incessante, imenso. O Olho abre por curiosidade, ou por impulso: vasculha todos os cômodos, um a um. Estou desperto. O corpo movimenta-se: expande-se para fora do piso, para fora da cama. Os pés descem escadas, as mãos preparam café. Nada existe: um ruído branco completa tudo. Abro a primeira porta. Atravesso um jardim que outrora fora cuidado pelas mesmas mãos

que seguram a xícara.
Atravesso até a outra ponta.
Estou na rua, caminho em
direção ao ruído. Antes
indistinguível, a frequência
vai tomando forma. Os pés
reconhecem a mudança,
encontram a areia. Branca e
imensa. Caminham até que
o som complete tudo. Ele
vem ondulante. À minha
frente, toda a água imensa.
De súbito a paisagem
completa-se: o som branco
completa a água que deita-
se sobre a areia, em
movimentos contínuos de
vai-e-vem, oscilações

sempre distintas umas das outras que enganam o expectador desavisado e transformam o espetáculo em um só movimento contínuo.

Preciso caminhar pela areia um pouco mais (ela continua indefinidamente). Estende-se, logo ali onde a água realiza uma dança complexa. Nesse momento o olhar volta-se para baixo, tomando nota do que há ao redor: um vasto campo de conchas, material calcário,

sedimentado, depositado (talvez de centenas de anos, talvez de alguns poucos dias). Material trabalhado pela água: cada pequena concha, cada esfera, guardando dentro de si um contorno próprio e uma unicidade, em diálogo íntimo, como se conversassem umas com as outras para entenderem de suas semelhanças e diferenças.

Brincadeira da memória: um divertimento

quando criança em recolher
pequenas peças naturais.

Material vivo, muito
vivo.

O corpo molha-se.
As primeiras ondas são
indecifráveis, espumantes.
Quase um não-toque.
Quase nada. Mal nota-se
quando chegam, intuitivas.
Percebe-se pelo frio da
aventura do corpo
entregando-se à
experiência. A segunda vez
que tocam já são mais
sentidas, mais matéricas

(em uma sucessão de enlaces, o corpo enrosca-se). Avança. Afunda-se! Quando da terceira ou quarta vez que a onda acontece, já é tumulto: o esforço para passar por ela é sentido com todas as intensidades. O mergulhar é necessário. Repete-se o processo até que a onda esteja tão alta e você esteja tão dentro e o chão seja tão fundo que você é um só ser que nada, um nada torcendo por uma chance de ultrapassar o turbilhão, até que acontece: o ondular

acaba. Fica às suas costas. A superfície torna-se espelho. O seu corpo, uma jangada, um barco, flutua. Afasta-se da costa. Nesse espaço além-onda, fora do chão denso e sólido, flutua. Quando você é um alguém-barco, além-mar, inteiro-oceano, você está sujeito às correntes. A água possui memória. A água é matéria viva. Estou em trânsito. Respiro. Inconstante. O desenrolar-se tão complexo nas nuances. O que importa? Sentar-se aqui, nos fundos da casa

pensando nos jogos da memória? Casa tomada. Só escreva, só escreva, só. A identidade, buscar a identidade de alguém que se move: sou todos os lugares onde estive, sou todas as pessoas que conheci. O que resta de mim no outro, do outro em mim? Que tamanho tem a palavra, que tamanho tem o silêncio?

Resolver as
pequenas coisas, as
pequenas peças, as
pequenas danças: um a um,

cada desenho resolve o anterior. Resolve...? Em que tempo antigo, para antes da própria memória, definiu-se o estado das coisas? Nada é constante, tudo muda, tudo muda, tudo muda.

Ressignificâncias.

Andar, caminhar muito.

Andar pelo canto do mundo.

O desenho é uma tentativa de apreensão do mundo. Dessa inconstância.

Um código. Bússola, norte.
Tentativa de reter aquilo
que não é visível, não é
fixável. O gosto. O abraço. A
saudade. Uma brincadeira
sensível. Cada desenho é
uma porta (estreita). É
como um mapa. Sucessão
de pontos. Sem fim em si
mesmo. Reticente,
vacilante.

Representação
gráfica mão-livre convenção
arquitetônica de estrutura

equipamento rede peso
linha densa linha macia
gradações jogo entre
proporção e escala
diferença na perspectiva
transformação na forma
volume aditivo aglomerado
colisão. Rotação. aresta;
articulação: abertura.

Delimita-se assim:
configura-se, ordena-se,
secciona-se como um
líquido (o estado líquido do
mundo).

Repetição: repetir o
gesto até transformá-lo. Um

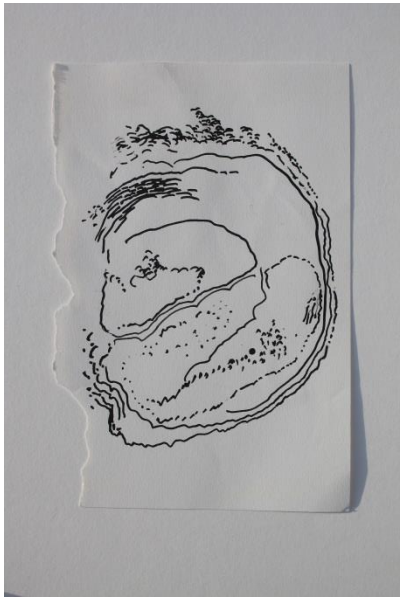
acordo. Um acorde.
Andamento, velocidade. Ar
(sopro). Bemóis,
ressonâncias, ampliações.
Diapasão. Desenhar é como
ouvir jazz. É um cuidado do
ritmo. Um notar de
intervalos, alterações,
estabelecidas dentro da
duração do som.

(02/05/18)





“(…) Esta resposta directa, sem ambiguidades de presunção ou prudência, seria a que dariam um computador ou uma máquina de calcular e seria a única que as suas inflexíveis e honestas naturezas, a informática e a mecânica, poderiam permitir-se, mas aqui estamos a tratar com humanos, e os humanos são universalmente conhecidos como os únicos animais capazes de mentir, sendo certo que se às vezes o fazem por medo, e às vezes por interesse, também às vezes o fazem porque perceberam a tempo que essa era a única maneira ao seu alcance de defenderem a verdade.” José Saramago, Ensaio sobre a lucidez - São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pág. 48



Estou cansado de ser tudo tão direto; eu quero é perder-me, quero o inesperado. Poeira branca, leve, um nada então. Já não ser nada, já ser outra coisa que não era antes. O silêncio. O mais puro dele. Qualquer nota. Composição, carga inerte, água, pigmentos inorgânicos, aditivos. A luz amarela. Os abajures. Perseguição, uma conduta quase esportiva. Rotina. Tangível, irreconhecível, quando chega já não está - o balanço. Importo-me com

todas as gentes. Será que alguém tem controle sobre o que quer que seja...? Material, o som da caneta no papel, velocidade. Estou sozinho, inacessível, atento. Viajo para lugares distantes e continuo sozinho para descobrir o que preciso encontrar dentro de mim mesmo. E ser cada um, e ser várias pessoas, e ser você mesmo e ser um só indefinido, um tanto inconstante, e ser a própria máquina, e ser e ir. Olhe para esse mar: parece que

ele continua e continua e
continua para sempre.

(21/01/16)



Dou um passo e começo a falar sobre o desenho especificamente...

O que me encanta é o seu caráter universal, essa predisposição histórica, imagética, linguagem antiga básica, desde a caverna rupestre até a contemporaneidade. É como se, só pelo fato de riscar com uma caneta sobre um papel, já estivéssemos resgatando preceitos básicos de comunicação entre os seres humanos. Um traço que

leva o olho de um canto ao outro da folha já é comunicação, já é dizer, já é ideia, já é ato político. É engraçado esse tempo das coisas. Cada projeto leva um tempo para ser definido, e muitas vezes as ideias ficam em suspensão até que estejam prontas para serem vistas, para brotarem aos olhos desatentos. E nessa relação entre o tempo do desenho e o tempo vivido começa a surgir uma evolução conjunta.

Deixe-me entrar na questão dos desenhos por uma nova porta (que, suponho, levará a outra forma de interpretação).

Bem sabemos que as pessoas fazem associações, isto é, utilizam processos mentais, embasados em memórias próprias, para fazer a relação entre o que olham e o que veem. É nesses processos de associação que vai estabelecendo-se um diálogo entre o que o cérebro vê e o que entende,

definindo e delimitando aquilo que percebe.

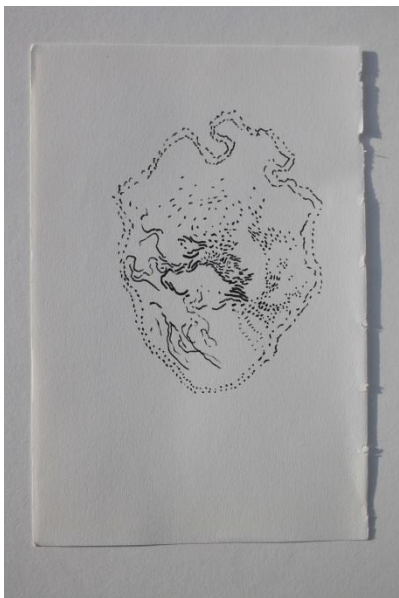
Utilizo o que posso chamar de carga visual compartilhada, ou seja, elementos que geralmente estão já enraizados na vida em sociedade, na vida como um todo - quero referir-me a objetos ou formas que nos rodeiam por toda a extensão de uma vida, seja uma folha, uma pedra e suas diferentes texturas, uma fruta (ou seu interior), ou o formato de alguma nuvem - para transportá-los

para uma outra dimensão de entendimento, já reestruturada através de uma busca gráfica, afim de que essa interferência seja notada pelo expectador. E é num intermeio, num ponto que agora se coloca, que esses elementos atuam, já novos, reestruturados, remodelados, esticados, comprimidos, reorganizados.

Nessa hora o trabalho sofre uma reviravolta interessante: passa a não ser figurativo -

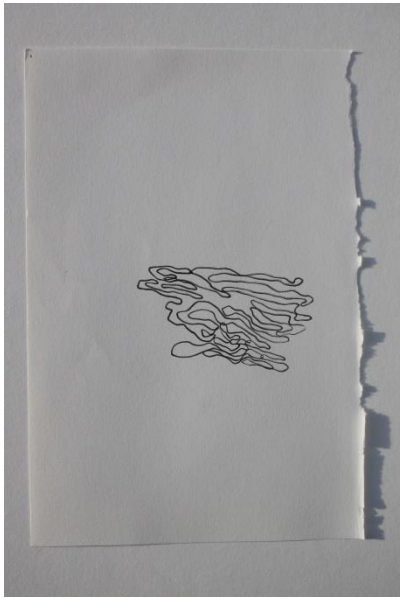
apesar de conter certo apelo imagético de similitude no que se refere à forma, textura...enfim, características próprias dos objetos que o olho capta -, e nem abstrato - mesmo havendo, através do controle gráfico, um jogo de exploração de novas conexões cerebrais, com inversões, simplificação, alongamento ou intensificação de formas, etc. O trabalho fica então oscilando e vagando por essas margens, no parapeito de alguma janela, hora se

beneficiando de uma forma de linguagem, hora de outra, para que o espectador use suas próprias ferramentas de entendimento e brinque com aquela estrutura e possa criar enfim seu entendimento.



“Descemos ao cérebro pelo poço vertical que nos leva a várias profundidades; a cada parada, galerias conduzem, pelo raciocínio, à escavação de ideias: uma vez extraídas são trazidas à superfície; quando mais o cérebro é rico em sedimentos de memórias, mais tem galerias, mais paradas, mais escavações há.”

PENONE, G. “Mines”, trad. F.M. Cattani. In: L’espace de la main. R. Recht (dir.). Strasbourg: Éditions Les Musées de la Ville de Strasbourg, 1991. p. 193. Cf. Também: id., La structure du temps, 1993, p. 5. Trecho retirado do livro Ser Crânio. lugar, contato, pensamento, escultura. De Georges Didi-Huberman



Os desenhos possuem uma unidade entre si. Eles são menos uma revelação direta, mais uma sugestão. Esperam a companhia do observador, pois sabem que a entrega de um ao outro são parte fundamental para o surgimento da emoção. São um convite para deixar a capacidade imaginativa percorrer aquilo que não é claro e direto. Uma libertação. A intuição que adentra direto. Um depósito de impulsos. Uma saída para aquilo que não se

conhece bem. E o indivíduo está todo ali, e os meus pensamentos são seus e seus pensamentos são meus, estão despertos, e eles completam a ti e a mim.

Existe um momento no trabalho em que tudo parece um encaixe. O sentido a partir do caminhar indireto. A ilusão torna-se verdadeira, e aquilo que já foi produzido pertence e sempre pertencerá ao executante. Nunca um regresso, sempre uma

continuidade, um diálogo com aquilo que já é passado. Nada de fato vai embora, não se omite, mas continua lá através das linhas silenciosas.

Relações

simultâneas, camadas de entendimento, subordinações a uma lei de espalhamento.

Multiplicação de sentidos (já que fugiu-se a tempos do tema). Sem hierarquia, tudo passa a ser tudo e nada passa a ser nada. Não existe talvez: está tudo pronto e

dado; o mistério é causado pelo expectador.

O meu princípio talvez seja outro. A minha busca é outra. Quero dar ao desenho o seu papel de direito: transformá-lo em um desenho, e não em algo, porque verdadeiramente ele não é nada, não há objeto real ali dentro, é tudo jogo, esfera compositiva, traço sobre traço, ao lado, dissipação, agrupamento ou o que quer que seja.

É tudo imaginação.

Manipulação do espaço e da matéria: cada linha, de cada abismo, é diferente da anterior.

Não há qualquer tipo de ordem. Pelo menos não premeditada. Não há o que se possa chamar de certo ou de errado no entendimento (por acaso você se culparia por ver aquilo que vê?). As relações que fazemos são verdadeiras, a camada a que podemos chegar

depende exclusivamente de nós mesmos.

Flutua a imaginação. Ora, o que está no trabalho existe e tudo quanto possa estar coexiste em um mesmo espaço de folha, de duração, de vídeo, de pesquisa, de gravura ou ...

O que poderia ajudar quem se aventurasse a descobrir o que se encontra escondido (querendo ser achado) é um certo tipo de mapa - algo que pudéssemos fixar-nos,

ancorar-nos... mas isso talvez diminuísse a experiência visual.

Não existe arbitrariedade.

No momento em que uma linha surge ela já tem um propósito, uma força. Já arrebata alguém pelo simples fato de ser imponente, de ser política, de nascer nesse mundo através das mãos de alguém.

Tentativa de devolução da coragem: aqui

tudo quanto é dado é e deve ser modificado por nós pelo fato de que ao homem foi dada a capacidade de sonhar.

Sempre surge um livro novo, uma conversa nova, algum novo objeto de desejo. As coisas partem, começam a acontecer através do interesse particular de cada um (que, claro, também pode ser um interesse compartilhado). Analisar o que quer que seja parte sempre de uma rede de complexidades. Uma

ideia gera outra. É como se um ciclo existisse e a história contada ficasse no limite entre todas as ideias para chegar no final e causar sensação.

Físico

Material

Representação de
matéria

E para além dela

Expectador e
trabalho em um acordo
mútuo

Nascimento da
imagem

Nascimento da
mentira

Orquestra

Você não se sente bem quando a ti é dada a oportunidade de ver o mar? E, quanta injustiça nessa frase, como se só vendo-o é que podemos senti-lo. Ora, não esqueçamos do vento. Aquele mesmo que não espera sua aprovação, ele simplesmente sopra, porque é isso que ele

precisa fazer - a pressão é muito grande e vê-lo parado seria uma pena.

A cor é importante. Quase sempre determinante. Tanto no branco (vazio, espaço, imensidão) e no preto (acúmulo, informação, rede).

Tornar passível de curiosidade.

Sei que o que importa no tempo é a relação humana, essa relação que só é vista e

pode ser percebida por quem está na condição de pessoa humana.

Pessoa humana: indivíduo capaz de elevar toda ilha de complexos resultados sendo estes o somatório de uma série de movimentos.

Consciente ou inconscientemente movimentamos vários níveis de civilização e de relação humana.

É objetivo daquele que se diz autor construir

novos significados (ou pelo menos afetar os já existentes).

Utilizar a desmemória.

Para construir algo é necessário destruir o passado, desmembrá-lo, queimá-lo, reduzi-lo a cinzas, pequenas nuvens cinzas que podem ser remontadas num arranjo de branco e preto.

Existem aqueles livros que, durante sua leitura, nos despertam o

desejo de realizar algo que precisava ser feito e se encontrava latente, um pouco esquecido. Minha vontade é de que meu trabalho seja como esses livros, e que aquele que vê, aquele que entra em contato, possa sentir a mesma força criadora que eu sinto agora e, mais além, possa usá-la em sua vida.

Como um texto que cai em suas mãos por acaso, meio força misteriosa com cara de destino, ou simplesmente o arranjo

melhor para a situação que se coloca.

Deslocamento imaginário.

Um abrigo.

Algo para fazer uma imagem. O princípio é esse. Um ataque, um impulso. Uma surpresa. A busca de uma identidade. Uma antecipação ao símbolo, um pensamento que quer mais que um princípio de imitação.

A criação natural
como processo em si. Uma
forma em seu sentido
primeiro. Uma forma em
negativo?

Todo ato é político.
Todo gesto é encanto. Todo
traço é desejo.

Um sentido
multiplicado libera do
ordenamento. Significações
diversas sob a superfície da
imagem. Como um material
aberto. Tende a continuar
indefinidamente, afirmando
aquilo que ele mesmo é.

Inseparável no que diz respeito ao agente, ao resultado e à ação, se posiciona no tempo e a ele se refere, caminha e persiste, persiste em mim e nos outros (nenhum homem é uma ilha).

(--/--/16)



Anotações vulgares
a respeito da palavra
Exposição:

Jogo da realidade
com a ficção. Sonho dentro
do sonho.

Interior/exterior.

Representação do
ESPAÇO (não-cartesiano) –
inconsciente – paisagem.

Reserva técnica.

Conjunto de
operações gráficas.

Você desenha e há
uma pessoa lá dentro que te
devolve algo que você não
sabia.

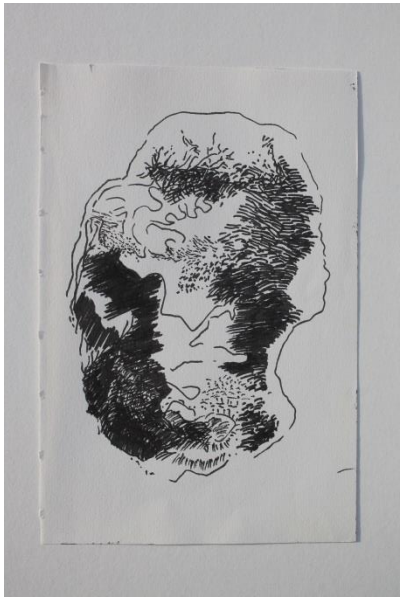
Perspectiva?

Astronomia, arquitetura,
geografia do visível,
especulação a partir de um
modelo.

Uma linha contínua
vira um plano sobre o papel.

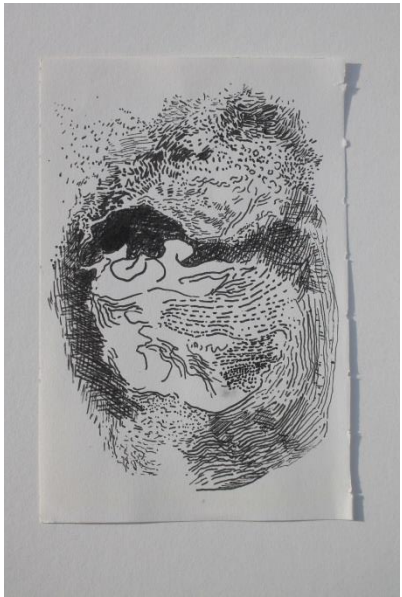
Tudo isso existirá
em todos os tempos.
MOVIMENTO.

(--/--/16)



Eu passei por um rio. Acima dele, sobre a ponte, pude ver cada pequena onda refletir em um movimento ordenado os pequenos raios de sol.

(18/08/16; 14:19)



Lembrar que o trabalho se liga aos outros: ele não é isolado, perdido no buraco-ficção (em parede ligada ao nada). Se eu falo da natureza não é porque ignoro tudo o mais que exista (antes o contrário); só noto a natureza porque noto a arquitetura, e uma está tão ligada à outra que o fascínio de uma depende da fuga que se faz da outra (muito antes foi dada uma relação interior). Como a construção a partir do que é um dado, medido por forças

que independem das pessoas para existir. Eu busco força na natureza não por achar que ela existe inequívoca e singular, mas porque antes ela estava e depois, muito além da construção, ela estará. Nesse ponto o trabalho encontra a ranhura, a diferenciação, a linha como intensidade e campo de permanência, e só consigo escrever quando estou em um fluxo (girando através de uma força que me jogará para fora). É disso que se trata o trabalho: ser

oscilação, ser um
movimento sonoro,
construtivo, ou campo de
desejo que provoca um
aprazível deslocamento.

(13/08/16)



Fico feliz ao ver alguém

dormir

porque seu inconsciente

máquina

está liberto e

o sonho é sua única

realidade

e a estrada gira

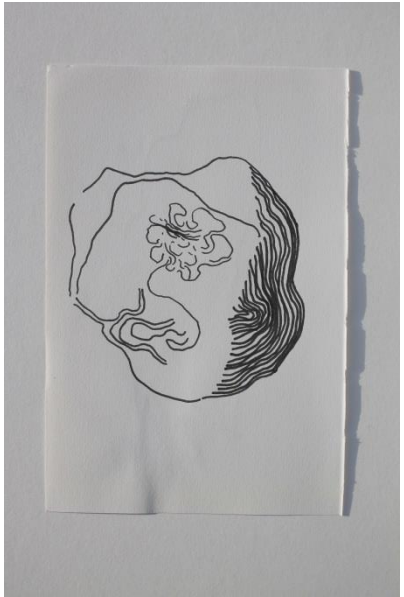
e leva para caminhos

desconhecidos

e o refúgio é a próxima
parada logo em frente

centenas de quilômetros
de concreto podem
enfim te levar a
algum lugar,
mesmo que esse lugar
seja lugar-nenhum.

(--/--/--)



grama verde
campos e espaços flora
fauna boi vaca poste azul e
mar o céu é embaixo cerca
branca não divide mais
buracos negros muro
branco não assusta mais
árvores ordenadas quase
máquinas quase máquinas
quase máquinas

e vou

o choque das acácias
madeiras e pedras (frias)
me abraçam

a quem convoco?

caminhão leva lenha leva
lenha leva lenha

curva enverga, desacelera

o lago reflete o pássaro
branco

a árvore tem fruto

o pé tem galho

os móveis planejados

imóvel é só a Terra que gira

o uso, obrigatório

mais um poste

coisa chata coisa chata coisa
chata

(--/--/16)



Quando eu era uma criança, acontecia um fenômeno estranho, que não compreendia e mesmo hoje me causa curiosidade. Os objetos mudavam de tamanho.

Momentaneamente eu perdia a referência da escala. De repente minhas mãos eram gigantes, e meu corpo pequenino, e oscilava; eu fechava os olhos em uma tentativa de fazer tudo voltar à normalidade, e era aí que começava: no negro espaço em que os olhos habitam

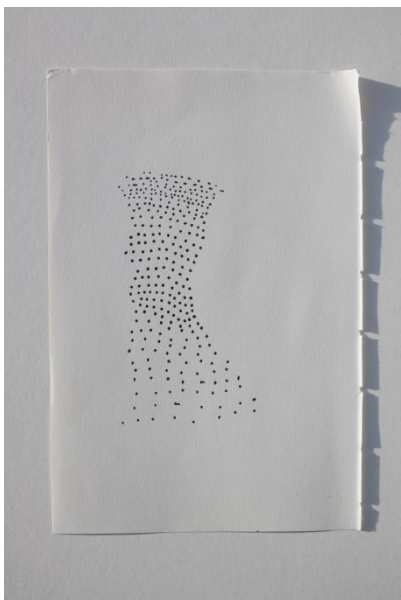
sem ver, facilmente perdia-se qualquer referência material; e quando os olhos abriam-se novamente aquilo, que antes estava a poucos centímetros de mim, parecia (eu tinha certeza) estar a muitas centenas de metros de distância, no fundo de um outro espaço, e as luzes e tudo que havia giravam, alongavam-se, moldavam-se respeitando alguma outra regra que também se distanciava do mundo físico, material, palpável.

(21/09/16, 22:31)

Cartografia

imaterial (mapas de lugar-
nenhum, alfabeto visual
inventado, ver invertido,
esquecimento,
engrenagem, trama
molecular, problema
silencioso, traço típico,
eloquência de vulcões,
condição de existência).

(--/--/16)





Estávamos em um carro. Eram alguns amigos, pessoas de Santa Maria, que ocupavam os dois bancos da frente; ao meu lado havia alguém também, mas não consigo mais lembrar quem era. E andávamos por essa estrada. Eu, sentado no banco de trás, à direita, espiava pela janela. Era uma estrada nada monótona. Em cada trecho, as pessoas que estavam no carro mudavam. Me dou conta disso agora. E havia muitas rótulas, muitos desvios e muitas bifurcações. A

estrada, hora íngreme, hora plana, seguia indefinidamente. Até que paramos à beira de um riacho, que ia parar em um grande lago, brilhante ao fundo na linha do horizonte, rodeado por uma vegetação rasteira, algo que se assemelhava a um campo de trigo, que balançava respeitando o soprar do vento, criando desenhos na paisagem. Havia um hotel, do tipo colonial, estrutura de dois ou três pavimentos, com suas grandes janelas (todas fechadas). Foi então

que eu vi a tempestade. Até então eu não havia olhado para o céu em nenhum momento. A vasta paisagem de campos de trigo e lagos fora tomada por nuvens espessas, de um gradiente de cor que sempre se modificava, endurecia, escurecia. E então eu vi bem ao fundo os raios, ligações diretas do céu com a terra, grandes blocos maciços de chuva que saiam de nuvens escuras para tocar os campos; a luz que era sempre até então tão viva foi esmaecendo, escurecida,

perdendo todo o seu brilho;
era um espetáculo incrível,
jamais conseguiria
descrever tamanha beleza.
Tantos raios dispersos
ocupando um mesmo
campo infinito, como se eu
pudesse ver toda a
superfície do mundo em um
plano horizontal que se
estendia indefinível adiante.
Então alguém abriu a porta
e eu acordei.

(04/10/16, 14:00)



Quarta-feira, acabo de passar pelo mesmo rio. A mesma ponte. O mesmo balançar trepidante do assento do ônibus. Número 25. Me encontro no meio do veículo. A experiência hoje foi totalmente distinta da anterior. Chove desde domingo, e não há sinal de luz do sol. Um breve cinza faz tudo ter o mesmo brilho. Não há sequer ondas no rio (ele está largo, vasto, transbordante, e faz brotar bolhas de sucção e explosão gelatinosa como lava de vulcão). A água é densa,

escura, de tom terroso, inflamada de terra que vai recolhendo das bordas. Não sei por quanto tempo mais irá chover, mas me parece que aquele rio não aguenta mais muitas gotas. Com o peso das nuvens, e do jornal, que anuncia, bem previsto está que até amanhã isso não vai parar. A água do rio é água do céu que é água da terra. A mesma estrada, hoje molhada, revela novos dias. Por mais que eu volte para o interior, é sempre uma busca e uma viagem

diferente. Desta vez, sinto-me fechado dentro de mim mesmo. O futuro também está dentro de mim, e não mais em qualquer lugar.

(17/10/16)



Hoje iniciei os desenhos de células. Agora passa da meia-noite e já é outro dia, mas tentarei relatar o que aconteceu, porque considero de extrema importância.

Tive uma noite inquieta no dia anterior, mas o amanhecer foi calmo. Acordei tarde. Logo ao acordar iniciei a produção. Foi instintivo, sem prévio acordo mental ou manual. Nada. Aconteceu: eu desenhei uma célula. Não era pra ser esse o

comportamento (eu já possuía outros afazeres que agora lembro que foram postergados). Mas o que aconteceu foi que rapidamente criei a primeira célula. Por volta das quinze horas eu já tinha vinte células, todas diferenciadas umas das outras. Elas foram multiplicando-se em ordem exponencial – uma gerava muitas outras novas – garantindo abertura para um estudo complexo sobre deslocamento, diferenciação, ou desdobraimento. Cada

célula pode ser decomposta e formar novas células! O que está sendo feito é brincar com toda a estrutura dos desenhos: se aproximássemos o olhar ao microscópio veríamos essas e mais tantas (que estão na ordem de milhões de incontáveis números) e poderíamos vê-las dançando umas com as outras.

Ao dançarem, elas formam as linhas que vemos a olho nu.

Uma tentativa de aproximar o desenho de sua estrutura mínima, estrutura essa que entende o que se passa na comunicação entre os elementos visuais (gráficos).

Claro, ainda existem os átomos, os quarks, elétrons todos girando ao redor de seus respectivos núcleos, mas por hora me bastam as células (o meio mais próximo que agora consigo pensar sobre uma organização virtual que, em

conjunto com a duração do tempo, produz vida).

É isso, portanto: o desenho (espacial), que possui uma estrutura (ainda que nebulosa), agora é visto em sua estrutura prima, sendo as células as ferramentas visuais da gênese (da criação, do início, big-ben e qualquer outra explosão que se queira desejar possível).

Criar corpos fechados cheios de potência. Reduzi-los

(ampliando-os) a uma estrutura fechada móvel, possuidora de agentes vibrantes e deslocativos (assim como qualquer ser humano ou planta ou pedra).

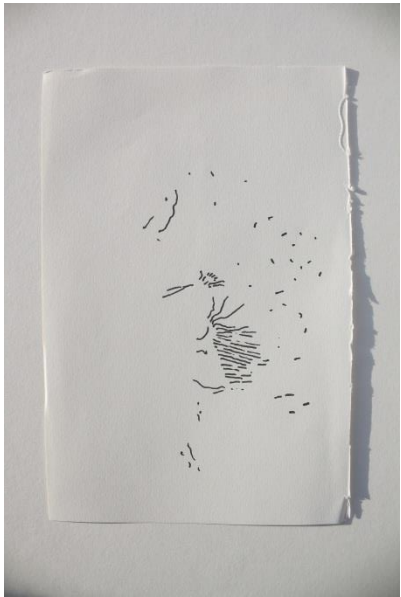
Reduzindo o desenho à pequenos espaços (antes amplos e sem fim do mundo), afim de buscar uma aproximação, relação, curiosidade. Reduzir à “espaços de controle”, onde os detalhes são analisados, as relações de linha, elucidando talvez

as diferentes etapas (mecanismos de funcionamento da lógica espacial do desenho) pelas quais o trabalho passa.

Ideia de mostrar as diferentes interferências (biológicas, naturais, da própria condição humana). Uma célula, autogestora, só precisa de mim para que lhe dê o gesto – fora isso estão muito bem sozinhas.

Indestrutíveis.

(25/10/16)



As células são
estágios de consciência.
Cada novo dia é regido por
alguma delas. São
destinadoras, são
estimulantes. Brincadeira
neural.

(26/10/16, 02:33)



Sejamos todos
crianças, brincando com as
próprias imaginações.

Confusão

Briga

Recuperar a bacia

Rio doce

Pontos de erosão

92%

24h internacionais

Venezuela

Justiça (eleitoral)



O encontro

A união

Destino de milhares

Porta de entrada

Uma força (tarefa)

Representantes

Departamento

Uma semana

Imigração intensa

Cento

Apoio



Números

Tudo vai
melhorando aos poucos

Capitão de uma
seleção campeã

Do mundo

Fez amigos

A imprensa nacional
deu destaque

À morte

Clima de tensão
entre os presidentes



O beijo entre eles
depois da explosão

Hoje

Sol nascente

Você acha isso uma
atitude correta?

Primavera pétalas
hotel

Interesse público

Amanhã

Estamos de volta

Estreitos limites



Declaração
exagerada

Supremo

A fúria

Bom dia

A limitação dos
gastos

Jogo

Ingredientes

Quantidade mais
que suficiente para manter
o texto original

Retomada do
crescimento

Acabou agora a
pouco a conclusão

Recado muito claro

05:31

Porto Alegre

Você está vendo
pelo reflexo

Ruas

Céus

Fogo



Permanente

Área isolada

Selva

Símbolo

Incêndios

Atenção

Raios

Hoje

Baixa pressão

Deixa o céu mais
carregado

Ventos de até 100
km/h

Deixando tudo mais
encoberto

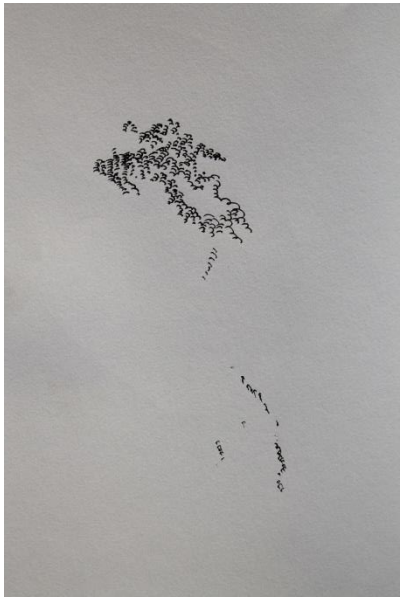
No sul

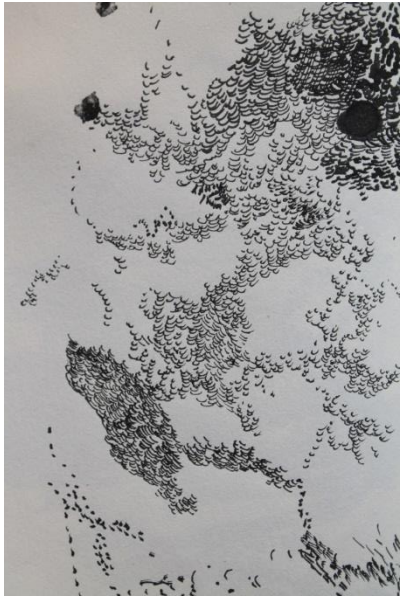
Temporais caem
num lugar

E não caem

No outro

(--/--/17)







Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de. Livro Sobre Nada. 3ª ed. São Paulo: Record. 2009.

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHING, Francis D. K. Arquitetura: forma, espaço e ordem. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHING, Francis D. K. Representação Gráfica em Arquitetura. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

CORTÁZAR, Julio. Rayuela. Argentina: Editora Sudamericana, 1995.

DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Ser Crânio: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/ Arte, 2009.

FOUCAULT, Michel. Isto Não é Um Cachimbo. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HESSE, Hermann. Demian. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a lucidez . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. A Náusea. Ed. Especial Coleção 50 anos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

THOREAU, Henry David. Walden. Porto Alegre: L&PM, 2012.

